

principalmente pelo folhetim, que se conjugou com a imprensa e foi produto específico do Romantismo europeu, aqui imitado com sucesso amplo, nas condições do tempo. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria. O *Ipiranga*, ainda na primeira metade do século, ofereceu aos leitores paulistas Feval, Feuillet e até Sardou. A *Gazeta de Notícias*, do Rio, renovando sob tantos aspectos a fisionomia da imprensa, submete-se ao gosto pelo folhetim: “Ferreira de Araújo, mandando traduzir os melhores autores franceses, lança as imaginações em entusiasmos e exageros extraordinários”, dirá um comentador das coisas do tempo<sup>(167)</sup>. Artur Azevedo, na *Gazetinha*, em 1880, lança dois folhetins, um de sua autoria, outro de Emile Gaboriau, *As Misérias de Paris*. O *Jornal do Brasil*, seguindo a tradição, mantinha sucessivos folhetins: em 1891, o autor era certo F. Marion Crawford, com o título *Saint-Ilário*; sucedido por dois clássicos do gênero: George Onhet, com *Dúvida de Ódio*, e Xavier de Montepin, com *Três Milhões de Dote*, publicados simultaneamente. Em 1892, apareciam *Os Cúmplices*, de Hector Malot, e *O Castelo dos Cárpatos* de Júlio Verne; depois foram publicados, e simultaneamente, *O Homem do Diamante*, de P. Coquêlle, *O Cozinheiro d’El-Rei*, de D. M. Fernandez y Gonzalez, e *João Mornas*, de Jules Claretie. Em 1893, aparece *A Viúva Virgem*, de Louis Ernault; em 1896, *Delírio de Amor*, de Ernesto Rossi, e *O Castigo*, de Georges Maldague; em 1897, *Infância*, de Jules Mary e *Papá Basílio*, de Ferreira de Andrade; em 1898, singular mistura, o *Dom Quixote*, de Cervantes, e *A Filha do Pecado*, de Pierre Sales; em 1899, *Maldição*, de Maxime de Villemer, e *O Ladrão*, de Paul Bertnay; em 1900, *Desgraçada*, de Pierre Decourcelle.

O já provecto e sempre sisudo *Jornal do Comércio*, que se manteve distanciado da campanha republicana, orgulhava-se de ser o divulgador, em folhetins, de Eugene Sue e de Victor Hugo. Em crônica de 1859, e com a costumeira argúcia, Machado de Assis já entendia o folhetim como instrumento de alienação, nos termos em que era difundido entre nós: “O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal. (...) Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções

(167) Elói Pontes: *A Vida Exuberante de Olavo Bilac*, 2 vols., Rio, 1944, pág. 173, I.